

A CRÍTICA DE CAROL GILLIGAN AO ANDROCENTRISMO E SEXISMO NA PSICOLOGIA E NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

CAROL GILLIGAN'S CRITIQUE TO ANDROCENTRISM AND SEXISM IN PSYCHOLOGY AND SCIENTIFIC PRODUCTION

Matheus Estevão Ferreira da Silva¹

RESUMO: Trata-se da apresentação de resultados parciais de uma pesquisa concluída financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Objetivou-se refletir sobre a obra de Carol Gilligan no tocante das críticas que teceu às teorias psicológicas do desenvolvimento, sobretudo da teoria do desenvolvimento moral de Lawrence Kohlberg, argumentando que conservavam um viés masculinizante. Entrou-se em contato com livros, capítulos de coletâneas e artigos de autoria de Gilligan que abordam as críticas tecidas pela autora, sendo, o principal desses materiais bibliográficos, o seu livro *Uma voz diferente (In a Different Voice)*, publicado em 1982. Ressalta-se que Gilligan questionou a validade da teoria de Kohlberg ao argumentar que as mulheres se desenvolvem moralmente diferente dos homens, pois elas se orientariam pelo que chamou de Ética do Cuidado, enquanto eles se orientariam pela Ética da Justiça. As críticas de Gilligan são consideradas revolucionárias para o campo da Psicologia do Desenvolvimento Moral, além da própria Psicologia e da Ciência em geral, e com implicações de vanguarda ao pensamento feminista de sua época. Conclui-se sobre a importância de Gilligan ao modo de se fazer Ciência, quanto à participação nula das mulheres em dados amostrais e às considerações acerca do desenvolvimento feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Carol Gilligan. Androcentrismo. Sexismo. Ética do Cuidado. Desenvolvimento Moral.

ABSTRACT: This is the presentation of partial results of a completed research funded by the Foundation for Research Support of the State of São Paulo (FAPESP). The objective was to reflect on Carol Gilligan's work in terms of her criticisms of psychological theories of development, especially Lawrence Kohlberg's theory of moral development, arguing that they retained a masculinizing bias. She came into contact with books, chapters from collections and articles authored by Gilligan that address the criticisms made by the author, the main one of these bibliographical materials being

¹ Mestrando em Educação e Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Campus de Marília, e graduando em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras (FCL/UNESP), Campus de Assis. Foi bolsista de Iniciação Científica FAPESP em ambas graduações, foi bolsista de Mestrado do CNPq e atualmente é bolsista de Mestrado da FAPESP. E-mail: matheus.estevao2@hotmail.com



her book *In a Different Voice*, published in 1982. It is noteworthy that Gilligan questioned the validity of Kohlberg's theory by arguing that women develop morally different from men, as they would be guided by what he called the Ethics of Care, while they would be guided by the Ethics of Justice. Gilligan's critiques are considered revolutionary for the field of Psychology of Moral Development, in addition to Psychology and Science in general, and with avant-garde implications for the feminist thought of her time. It concludes about the importance of Gilligan in the way of doing Science, regarding the null participation of women in sample data and considerations about female development.

KEYWORDS: Carol Gilligan. Moral Development. Ethics of Care. Women.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentam-se resultados parciais de uma pesquisa concluída que foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)². Essa pesquisa maior teve o objetivo de reunir, mapear e analisar a produção nacional e internacional de pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento Moral, no período de 1982 a 2019, que tem gênero como tema.

Uma autora de suma importância para o desenvolvimento dessa pesquisa foi a psicóloga estadunidense Carol Gilligan (1936-Atualmente). Gilligan ficou conhecida por ter questionado a validade universal da teoria moral do também psicólogo estadunidense Lawrence Kohlberg (1927-1987) e de outras psicológicas do desenvolvimento, acusando-as de serem *androcêntricas* e *sexistas*³. É importante ressaltar que foi a partir dos estudos e da teoria de Kohlberg (1992) que o campo da Psicologia interessado pelo estudo da moralidade, a *Psicologia do Desenvolvimento Moral*, “consolidou-se como área nobre da Psicologia” (LA TAILLE, 2007, p. 17; SILVA, 2020; 2021).

No entanto, com base em suas pesquisas, Gilligan (1982) argumentou haver um caminho de desenvolvimento moral alternativo ao traçado por Kohlberg (1992) em sua teoria, sendo as mulheres representativas dessa alternativa de desenvolvimento. Em referência ao que encontrou empiricamente, a autora (1982) chamou esse outro modo que o desenvolvimento moral pode ocorrer de *Ética do Cuidado*, enquanto referiu-se ao modelo de desenvolvimento kohlberguiano como *Ética da Justiça*, que para ela seria mais representativo a como os homens se desenvolvem.

² A pesquisa intitulou-se *O gênero na produção de pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento Moral: mapeamento e análise em periódicos internacionais de língua inglesa (1982-2018)*, com vigência de 01/08/2019 a 29/02/2020 e vinculando-se à FAPESP pelo processo de n.º 2019/08942-1. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/bol-sas/187806/o-genero-na-producao-de-pesquisa-em-psicologia-do-desenvolvimento-moral-mapeamento-e-analise-em-peri/>. Acesso em: 01 out. 2021.

³ De acordo com Ribeiro e Pátaro (2015), o sexismo é a discriminação baseada nas diferenças entre os gêneros, nomeadamente de homens e mulheres, enquanto o androcentrismo, por sua vez, reside na base do sexismo, é um pensamento que “[...] consiste em considerar o homem como centro do universo, único apto a governar, a determinar leis e a estabelecer justiça” (p. 158) e que leva, portanto, ao sexismo e outras formas de discriminação.

Assim, na pesquisa concluída, considerou-se que as investigações que interseccionam gênero e moralidade como tema de pesquisa despontaram no campo da Psicologia do Desenvolvimento Moral principalmente a partir do que ficou conhecido como *debate Kohlberg-Gilligan* (JORGENSEN, 2006; SILVA, 2021), que se refere ao debate travado por ambos autores na defesa de suas ideias. Passados 40 anos desde seu início, esse debate é considerado como um dos grandes marcos teóricos do campo e para o estudo da moralidade, impulsionando a renovação da literatura especializada.

Para este artigo, reservou-se a apresentação dos resultados obtidos mediante o procedimento de revisão de literatura que constituiu a metodologia dessa pesquisa. Logo, como um recorte dessa investigação, objetivou-se refletir sobre a obra de Carol Gilligan no tocante das críticas que teceu às teorias psicológicas do desenvolvimento, sobretudo da teoria do desenvolvimento moral de Lawrence Kohlberg, que argumentou conservarem um viés masculinizante.

Para tal, entrou-se em contato com livros, capítulos de coletâneas e artigos de autoria de Gilligan (1977; 1982; 1998; 2015; GILLIGAN; BELENKY, 1980; MURPHY; GILLIGAN, 1980; GILLIGAN; ATTANUCCI, 1988) que abordam as críticas tecidas pela autora, sendo, o principal desses materiais bibliográficos, o seu livro *Uma voz diferente (In a Different Voice)*, publicado em 1982.

O texto deste artigo organiza-se da seguinte forma: primeiro, ressaltam-se aspectos biográficos e suas reverberações em sua obra, revisitando de forma concisa seus antecedentes e *background*. Em seguida, apresentam-se as críticas de Gilligan às teorias psicológicas do desenvolvimento, sobretudo a teoria moral de Kohlberg, e sua proposição de uma Ética do Cuidado. Em um terceiro momento, conclui-se ressaltando que as críticas de Gilligan são consideradas revolucionárias para o campo da Psicologia do Desenvolvimento Moral, além da própria Psicologia e da Ciência em geral, e que teve implicações de vanguarda ao pensamento feminista de sua época, ajudando a fundar uma de suas vertentes, o chamado *Feminismo da Diferença*. O artigo se encerra com as considerações finais.

ASPECTOS BIOGRÁFICOS E ANTECEDENTES DA AUTORA

Carol Friedman Gilligan é uma professora universitária e psicóloga estadunidense, hoje aos 84 anos, atualmente professora da Universidade de Nova Iorque (2002-atualmente), sendo professora aposentada da Universidade de Harvard (1969-1997), onde conseguiu seu Ph.D. em Psicologia Social em 1964, e lecionado anteriormente na Universidade de Chicago (1965-1966) até ter sido contratada em Harvard.

Essa autora tornou-se referência mundial para os estudos do campo da Psicologia do Desenvolvimento Moral e, por conseguinte, dos Estudos Feministas

e Estudos de Gênero durante o período da Segunda Onda do Feminismo – e não só ficou conhecida nesse período como ditou os seus rumos –, quando publicou resultados de suas próprias pesquisas que realizou nos Estados Unidos com mulheres, utilizando da teoria kohlberguiana do desenvolvimento moral e de dilemas morais sobre o aborto (GILLIGAN, 1977; 1982; GILLIGAN; BELENKY, 1980; MURPHY; GILLIGAN, 1980).

Com o passar dos anos, o trabalho inicial de Gilligan, sua teoria decorrente dessas primeiras investigações e o modelo de desenvolvimento moral dela advindo, a Ética do Cuidado, também foram ganhando notoriedade e sendo reconhecidos por outras áreas do conhecimento, a princípio na Filosofia e no Direito, para depois na Educação, Enfermagem e outras, assim como em vários campos da própria Psicologia, como também ressalta Sharpe (1992) sobre essa repercussão.

Contudo, antes de nos aprofundarmos em seu trabalho de pesquisa, teoria, modelo de desenvolvimento e, portanto, elucidar porquê Gilligan se tornou uma referência de tamanha importância, é fundamental debruçar nas circunstâncias biográficas que antecederam todo esse seu trabalho e reconhecimento consequente.

Os antecedentes da vida de Gilligan também influenciaram diretamente nos caminhos dos quais trilharia e, logo, em sua obra. Todo esse *background* – como ela própria denomina (JORGENSEN, 2006) – formaria e implicaria em seus interesses de pesquisa, em sua abordagem feminista e forma de olhar para a Psicologia, ao desenvolvimento humano e à questão moral e de gênero.

Para Friedman (2020, p. 671, tradução minha), “é tanto um prazer como um desafio apresentar Carol Gilligan”. Para ele, “[...] o prazer vem da oportunidade de falar de alguém que tem sido amiga, um exemplo de intelectual cuja perspectiva sobre a influência da sociedade sobre o indivíduo tem me ajudado no trabalho como psicanalista para compreender a importância do desenvolvimento de meus pacientes, o que ela chamaria de ‘uma voz própria’” (p. 671, tradução minha). Quanto ao desafio que é apresentar Gilligan, o autor (2020, p. 671, tradução minha, grifos do autor) ressalta que:

[...] surge da dificuldade de apresentar alguém que indubitavelmente já é conhecida por quem conhece a história do Feminismo nos Estados Unidos. Em 1982, *In a different voice: psychological theory and women's development* foi publicado e com o tempo estabeleceu Carol Gilligan como uma voz importante em nossa compreensão da Psicologia das mulheres; uma voz com poder muito convincente para resistir ao poder do saber e dos pronunciamentos psicológicos convencionais sobre como as mentes das mulheres funcionavam, como as mentes das mulheres eram inevitavelmente diferentes das mentes dos homens, que até então eram consideradas superiores em racionalidade em comparação aos seus pares femininos, mais emocionais.

Como mencionado na citação acima, o reconhecimento internacional de Gilligan veio logo após publicar, em 1982, o seu livro *In a Different Voice: psychological theory and women's development*, cujo título foi traduzido ao português no Brasil (Pt-Br) como *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta* (GILLIGAN, 1982).

Porém, antes disso, Gilligan teve de trilhar um longo caminho, cuja experiência adquirida seria seu referido *background* e que levaria consigo para a Psicologia. Quando perguntada sobre “Como e quando você começou a desenvolver uma identidade feminista?”, em entrevista⁴ concedida à Leeat Granek no ano de 2009, Gilligan (LEEAT; GILLIGAN, 2009, p. 2, tradução minha) responde que isso retoma muito antes de ter adentrado na Psicologia, logo, antes da publicação de seu livro supracitado:

[Começou] No início da segunda onda do movimento de mulheres. Eu participei do Movimento dos Direitos Civis. Eu fiz parte do recenseamento eleitoral, do Movimento Antiguerra e do movimento para parar os testes atmosféricos de armas nucleares. Então, em outras palavras, eu estava muito envolvida em todos os movimentos dos anos de 1960. [...] E o feminismo foi apenas uma extensão disso.

De origem judaica, Gilligan nasceu em 28 de novembro de 1936, na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos. Frequentou a escola progressista *Walden School* e graduou-se pela *Swarthmore College* em 1958, aos 22 anos, estudando literatura inglesa, História e Psicologia, e dois anos depois, em 1960, obteve seu Mestrado em Psicologia Clínica pelo *Radcliffe College*. Após graduar-se no final da década de 1950, Gilligan casou-se com James Frederick Gilligan (1935-atualmente).

Assim, tendo crescido em um ambiente considerado progressista para a época, e já casada, Gilligan passou a se envolver em importantes movimentos sociais que eclodiam nos Estados Unidos da década de 1960. Cabe salientar que esse é um período da História estadunidense muito marcado pela segregação racial, pela violência, inclusive policial (portanto, institucional), à população negra e à diversidade sexual e de gênero. Na entrevista de 2009, a própria Gilligan (LEEAT; GILLIGAN, 2009, p. 3, tradução minha, grifos meus) rememora esse período, em que conciliava seu casamento e a maternidade – dado o nascimento de seus primeiros filhos – com sua atuação nos movimentos sociais, a carreira de dançarina moderna – que iniciou ao ingressar em uma companhia de dança onde morava – e seu Ph.D. em Psicologia Social em Harvard, como se segue:

⁴ Essa entrevista faz parte do projeto “História oral das vozes feministas da Psicologia” da *Psychology's Feminist Voices*, um arquivo digital multimídia *on-line* que contém as histórias de psicólogas feministas. Disponível em: <https://feministvoices.com/files/profiles/pdf/Carol-Gilligan-Oral-History.pdf>. Acesso em: 01 out. 2021.

[...] depois que terminei a Faculdade fomos para Cleveland porque meu marido entrou para a Faculdade de Medicina lá. Isso deve ter sido em 1962, durante as *midterm elections*. Na época ocorria o recenseamento eleitoral que registraria eleitores afro-americanos para votar. Eu já tinha um filho de dois anos na época, era verão, e lembro-me de entrar na área de *Hough*, em Cleveland, que era ‘o’ bairro negro da cidade, o gueto. Eu ia para lá de qualquer maneira porque eu era dançarina moderna e estava envolvida com uma companhia de dança moderna localizada em *Hough*, chamada *Karamu House*, companhia que era – na palavra usada na época – ‘inter-racial’. [...] Assim, eu estava familiarizada com o bairro porque essa companhia de dança estava no meio dele. [...] Eu tinha um filho de dois anos, era verão, e então coloquei meu filho no carrinho e fui bater de casa em casa pelo bairro. Se você fizesse isso com uma criança de dois anos, você seria bem-vindo. E eu batia nas casas [...] e as pessoas me convidavam para entrar. Isso foi antes de eu fazer qualquer trabalho [de pesquisa]. E eu me sentava e conversava com elas sobre a importância de se ter uma voz e, portanto, a importância do voto. Foram longas conversas. [...]. Assim me envolvi no Movimento dos Direitos Civis... Até chegar no feminismo. [...] Então eu estava fazendo o recenseamento eleitoral, estava dançando nessa companhia de dança inter-racial, e logo voltaria para a Psicologia [em Harvard].

Em meio a essa conciliação entre vida pública (atuação em movimentos sociais e carreira de dançarina moderna) e vida privada (casamento e cuidado dos filhos), conciliação que interrompeu seus estudos na Psicologia por um curto intervalo de tempo, após ter defendido seu Mestrado em 1960, Gilligan retomou seus estudos ao ingressar no curso de Doutorado em Harvard.

Como ressalta a autora (LEEAT; GILLIGAN, 2009, p. 4, tradução minha, grifos meus) sobre sua formação inicial: “como estudante de graduação em Swarthmore, me formei em literatura inglesa e havia um *Honours program* em que você tinha um *major* e dois *minors*. Meu *major* era literatura inglesa e meus *minors* eram História e Psicologia”. E sua identificação com a Psicologia decorreu de a “psicologia em Swarthmore ser a psicologia da Gestalt [a abordagem predominante], que tratava apenas da percepção, o que era fascinante para mim. [...] E eu pensei que queria ser uma terapeuta” (p. 5, tradução minha).

Essa identificação, no entanto, logo findou, “quando fui para a pós-graduação em Harvard, que era a Psicologia Clínica convencional [a abordagem predominante]” (LEEAT; GILLIGAN, 2009, p. 5, tradução minha), pois, como ressalta a autora,

Quando cheguei lá [em Harvard], fiquei horrorizada com o campo da Psicologia. Essa é a única coisa que posso dizer. Minha compreensão do mundo humano foi moldada por Tolstoy, Faulkner, Virginia Woolf, Jane Austen, etc. Como você poderia pensar na vida humana sem entender a história? [...] E quando encontro esse mundo clínico, vejo uma linguagem do tipo ‘mãe é fria e pai é distante’, e penso ‘o quê?’. Isso parecia ser tão reducionista. [...] Eu pensei que ficaria louca (p. 5, tradução minha).

A despeito desse choque e decepção com a abordagem predominante da Psicologia na época, no ano de 1964 em Harvard Gilligan defendeu sua tese de Doutorado intitulada *Responses to temptation: an analysis of motives* (*Respostas à tentação: uma análise dos motivos*, em tradução livre) (GILLIGAN, 1964), em que questionava “por que nós fazemos o que fazemos?” (GILLIGAN, 1998, p. 127, tradução minha). Nessa pesquisa que desenvolveu, analisou a mudança de comportamentos diante de determinados contextos, lendo histórias a seus entrevistados e manipulando os conflitos presentes nessas histórias: “Eu escrevi uma dissertação muito curta [...] onde mostrei como você pode transformar trapaceiros em não-trapaceiros e não-trapaceiros em trapaceiros, lendo histórias para eles. A situação nelas é uma situação de conflito. Você manipula o conflito e muda seu comportamento” (LEEAT; GILLIGAN, 2009, p. 5, tradução minha).

Entre 1965 e 1966, Gilligan atuou como professora na Universidade de Chicago, onde seu marido era médico interno, sendo ela “[...] um dos membros do corpo docente que se recusou a dar notas porque elas estavam sendo usadas como base para o recrutamento [da guerra] do Vietnã” (GOLDBERG; GILLIGAN, 2000, p. 701, tradução minha). Conforme descreve Goldberg, “ela participou de protestos e se tornou ativa no registro de eleitores, no movimento pelos direitos civis, no movimento antinuclear e na greve das mulheres pela paz”, logo, “a importante questão de como as pessoas tomam decisões morais remetia ao trabalho de doutorado de Gilligan, e continuou a se infiltrar em sua vida diária e em seu pensamento, mas o assunto estava longe de ser o centro de qualquer trabalho acadêmico que ela estivesse fazendo [naquele momento]” (2000, p. 701, tradução minha).

Ainda nesse período, como ressalta Gilligan (2005, p. 729, tradução minha), “no final da década de 1960, cinco anos após completar meu Ph.D., voltei a Harvard para dar aulas em meio período e, por sorte, tive a oportunidade de ensinar com Erik Erikson em seu curso sobre o ciclo da vida humana, e depois com Lawrence Kohlberg em seu curso sobre escolha moral e política”.

No curso de Erik Erikson (1902-1994), na época um importante psicanalista e que viria a ser conhecido como um dos principais teóricos da Psicologia do Desenvolvimento, “ele começava sua aula exibindo o filme de [Ingmar] Bergman ‘Morangos Silvestres’ sobre o ciclo de vida” e, com esse filme, “o problema que ele evidencia é que você não consegue entender história de vida separada da história. História de vida e história estão interligadas. E eu conseguia me relacionar com isso” (LEEAT; GILLIGAN, 2009, p. 6, tradução minha). A autora reconhece que, “ele me mostrou uma maneira de trabalhar em psicologia que, para mim, tinha integridade” (p. 6, tradução minha).

Quanto a Lawrence Kohlberg, o encontro com ele definiria seus próximos passos no campo da Psicologia, como rememora a própria Gilligan (1998, p. 126-127, tradução minha) seu primeiro contato com ele:

Eu conheci Larry [Lawrence] pela primeira vez na primavera de 1969, em uma festa na casa de Herb Saltzstein. Ao contrário de alguns rumores, eu não era aluna de Larry, eu não era sua orientanda de pós-doutorado. [...] Alguns dias após a festa de Saltzstein, Larry me ligou para perguntar se eu conduziria um estudo com adolescentes. Eu estava interessada no raciocínio das pessoas sobre as decisões da vida – o que era chamado de ‘dilemas da vida real’, e o estudo era sobre o raciocínio dos adolescentes sobre a tomada de decisões sexuais em suas próprias vidas e também nos pais.

Então ao conhecê-lo pessoalmente cinco anos após seu doutoramento em Harvard, Gilligan interessou-se pelo seu trabalho e aceitou o convite de Kohlberg de colaborar como Pesquisadora Assistente (*Research Assistant*) nas pesquisas que ele desenvolvia na época (GILLIGAN, 1998). Dessa colaboração, que transcorreu durante a década de 1970, chegaram a publicar trabalhos em conjunto (KOHLBERG; GILLIGAN, 1971; GILLIGAN et al., 1971; GILLIGAN; KOHLBERG, 1978). É a partir desse trabalho anterior com Kohlberg que Gilligan pôde seguir para seu próprio programa de pesquisa, pioneiro e que a deixou conhecida mundialmente.

ANDROCENTRISMO E SEXISMO DAS TEORIAS PSICOLÓGICAS DO DESENVOLVIMENTO

A teoria de Kohlberg (1992) sobre o desenvolvimento moral foi extraída inicialmente de sua pesquisa de Doutorado, defendida no ano de 1958 na Universidade de Chicago (KOHLBERG, 1958), intitulada *O desenvolvimento de modos de pensamento e escolha moral nos anos 10 a 16*, em tradução livre. Essa teoria fundamenta-se no trabalho do epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), tanto no campo cognitivo como da moralidade, dando continuidade aos estudos de Piaget (1932/1994) sobre o desenvolvimento moral, e na teoria da justiça do filósofo estadunidense John Rawls (1921-2002).

Nessa pesquisa de Doutorado, Kohlberg (1958) acompanhou longitudinalmente uma amostra de 84 meninos brancos de classe média de Chicago e idade entre 10, 13 e 16 anos. Kohlberg utilizava de entrevistas para coletar os juízos dos seus participantes sobre dilemas morais⁵ que lhes eram apresentados e, assim, analisar a qualidade dos juízos para resolução dos dilemas. A principal contribuição dessa pesquisa foi a definição dos estágios de desenvolvimento moral.

⁵ Dilemas morais são situações extremas, geralmente protagonizadas por um personagem, que envolvem dois valores que o personagem protagonista deve decidir qual aderir. Os dilemas morais fazem parte da metodologia kohlberguiana como forma de apreciar o raciocínio por detrás da adesão a determinado valor e, assim, de discernir qual o estágio moral correspondente à justificação sobre o que o personagem deve fazer.

Assim, Kohlberg (1992) propõe um modelo de desenvolvimento universal, que todas as pessoas perpassam, e que se apresenta em *três níveis* (pré-convencional, convencional e pós-convencional) e *seis estágios*, sendo dois estágios correspondentes a cada nível. Sendo esses estágios hierárquicos e ausentes de retrocessos, Kohlberg (1992) ressalta que esses raciocínios respectivos aos seus estágios são raciocínios de justiça, e os quais evoluem qualitativamente em direção a um ideal de justiça.

Para validação dessa teoria e respectivo modelo, Kohlberg dedicou décadas de sua vida (de 1960 a 1980) para aplicação dos seus dilemas em diferentes culturas e amostras de pesquisa. No entanto, desde quando começou a realizar tais novos estudos, vários desses estudos demonstravam um baixo desempenho por parte das mulheres em relação aos homens, como o próprio Kohlberg pontua: “alguns estudos mostram diferenças entre os sexos, com adolescentes e adultos homens pontuando mais que as mulheres. Isso inclui os estudos de Holstein [1976], de Haan, Smith e Block [1968], e de Kuhn[, Langer, Kohlberg & Haan, 1977]” (KOHLBERG, 1982, p. 517, tradução minha). Quando eram avaliadas a partir do modelo desenvolvimental de níveis e estágios da teoria de Kohlberg, as mulheres geralmente chegavam a atingir somente até o estágio três, denominado *Orientação pelas expectativas do grupo*, em que a moralidade se caracteriza pela necessidade de estar de acordo com o que pessoas próximas esperam, enquanto os homens as transpassavam.

Carol Gilligan (1977), na época colaboradora de Kohlberg nesses estudos, lançou um olhar diferente sobre esses resultados de diferenças de gênero. Para ela, as diferenças entre homens e mulheres, e o baixo desempenho por parte delas, dar-se-iam pela orientação moral distinta das mulheres para responder aos dilemas morais.

Foi nessa época que, contratada pela Universidade de Harvard, Gilligan passou a trabalhar com dilemas morais reais⁶ em suas próprias pesquisas e, diante do contexto estadunidense de início da década de 1970, utilizou do aborto como tema para basear seus dilemas:

[...] em 1973, ano em que a Suprema Corte dos EUA legalizou o aborto, deu-se às mulheres uma voz decisiva. Resumindo meu estudo, concentrei-me na decisão das mulheres em continuar ou abortar uma gravidez. Eu estava totalmente cega para a variável gênero na época, mas o que começou como um estudo envolvendo homens [com o trabalho junto de Kohlberg] se tornou um estudo com mulheres. E naquele momento histórico, após a decisão da Suprema Corte no caso Roe versus Wade, o altruísmo, há muito visto como o epitome da bondade feminina, de repente pareceu moralmente problemático (GILLIGAN, 2011, online, tradução minha).

⁶ Dilemas podem ser hipotéticos, quando mais abstratos e difíceis de ocorrerem, ou reais, quando encontrados mais facilmente no cotidiano da vida real. As críticas de Gilligan, quanto à metodologia kohlberguiana, também se voltaram ao recorrente uso de dilemas hipotéticos em detrimento dos dilemas reais.

Na divulgação dos primeiros resultados dessas suas pesquisas, Gilligan (1977) ressalta ter encontrado a progressão da moral pré-convencional à pós-convencional nas respostas das mulheres aos dilemas. No entanto, a autora (1977, p. 492, tradução minha) argumenta que o dilema do aborto revela a existência “de uma linguagem moral distinta cuja evolução informa a sequência do desenvolvimento das mulheres. Essa linguagem [...] define o problema moral como uma obrigação de exercer cuidado e evitar danos [e que] diferencia as mulheres dos homens”.

No ano de 1982, Gilligan publica seu livro, que se tornou *best-seller*, *Uma voz diferente* (GILLIGAN, 1982), que trata de três das pesquisas que realizou, a primeira sobre identidade e desenvolvimento moral (com 25 estudantes universitários), a segunda com mulheres grávidas sobre a temática do aborto (com 29 mulheres selecionadas em uma serviço de aconselhamento para clínicas de gravidez e aborto em uma área metropolitana) e a terceira sobre direitos e responsabilidades (com 144 sujeitos, sendo homens e mulheres). Essas pesquisas reiteraram suas constatações anteriores (GILLIGAN, 1977) sobre o desenvolvimento moral das mulheres diferir dos homens, sendo suas amostras diversificadas em termos etários, étnicos, de gênero e de classe social.

O aparente déficit no desenvolvimento moral feminino foi atribuído por Gilligan (1982) como um problema na teoria de Kohlberg em dois aspectos: de metodologia e, conseqüentemente, de teoria. No primeiro aspecto, de metodologia, na amostra original de sua tese (KOHLBERG, 1958), como referido, ela foi composta totalmente pelo público masculino – 84 meninos brancos de classe média. Dessa forma, a teoria de Kohlberg conservou um viés masculinizante, isto é, assumiu a experiência masculina como regra (androcentrismo) para elaborar um modelo de desenvolvimento que se pretende universal. Isso leva segundo aspecto problemático, de teoria.

Nesse segundo aspecto, qualquer diferença que apareça entre as mulheres e os homens na trajetória do desenvolvimento traçada é “em geral considerada como significando um problema no desenvolvimento das mulheres” (sexismo) (GILLIGAN, 1982, p. 11), sendo elas então as desviantes.

Enquanto no estudo de Piaget do julgamento moral da criança, as meninas são um à parte, uma curiosidade a quem ele se dedica quatro curtos verbetes num índice que omite também ‘meninos’ – porque se presume ‘a criança’ como masculina – na pesquisa da qual Kohlberg extrai sua teoria, as mulheres simplesmente não existem (GILLIGAN, 1982, p. 28).

Não obstante a essa constatação e a crítica que tece ao entendimento androcêntrico e sexista deixado por Kohlberg em seus estudos de que as mulheres apresentam um desenvolvimento deficitário, Gilligan (1982) também constatou

esse entendimento em várias outras teorias psicológicas do desenvolvimento, tais como as teorias de Piaget, Erik Erikson, Sigmund Freud (1856-1939) e outros.

No caso de Piaget, que aqui cabe ressaltar por se tratar de um trabalho de pesquisa dentro da mesma tradição teórica⁷ de Kohlberg e, naquele momento, de Gilligan, em seu livro *O juízo moral na criança* de 1932, único de Piaget destinado à investigação empírica da moralidade, o autor (1932/1994) dividiu sua metodologia de investigação pelo gênero dos(as) participantes, não problematizou e tirou conclusões sobre o desempenho supostamente inferior das meninas no desenvolvimento moral.

Em momento em que investigou como as crianças aprendem as regras de jogos, observando-as separadamente pelo gênero, meninos e meninas, enquanto jogavam “bolinha” e “pique/amarelinha”, Piaget (1994, p. 69) aponta diferenças entre os gêneros e enfatiza que mesmo uma observação superficial pode revelar que as meninas: “têm o espírito jurídico muito menos desenvolvido que os meninos”, e que são “mais tolerantes e mais facilmente satisfeitas com as inovações [...] e é nisso que podemos considerá-las como menos preocupadas com a elaboração jurídica” (PIAGET, 1994, p. 73). De outras formas, esse entendimento se estende ao trabalho de Erikson e Freud.

A partir disso, Gilligan (1982) infere que a teoria de Kohlberg (1992) não estaria adequada para avaliação das mulheres, uma vez que elas partiriam de uma estrutura de raciocínio moral distinta, que prioriza o cuidado e bem-estar do outro, que deu o nome de *Ética do Cuidado*, enquanto os homens priorizariam em seus juízos morais uma estrutura que chamou de *Ética da Justiça*, que a teoria de Kohlberg estaria exclusivamente voltada. No seu livro, vale ressaltar, Gilligan considera a orientação moral pelo cuidado como uma alternativa de desenvolvimento não substituta, mas complementar à orientação pela justiça traçada por Kohlberg.

Logo na introdução de seu livro, Gilligan (1982) deixa claro que a orientação moral ao cuidado que encontra é identificada não por gênero, mas por tema. Assim, a *Ética do Cuidado* representa apenas uma maneira diferente de se responder a problemas morais e sua associação às mulheres é uma constatação empírica. Quando Gilligan escutou as vozes não ouvidas (das mulheres), percebeu que elas expressavam uma forma diferente de a moralidade se basear, que não pela justiça, e que por isso apareciam como menos desenvolvidas que os homens, por serem avaliadas por um modelo que não as representavam. E a *Ética do Cuidado* apareceu empiricamente vinculada às mulheres.

⁷ Considera-se Piaget como quem inaugura a abordagem cognitivo-evolutiva no estudo psicológico da moralidade, porém que só foi consolidada por Kohlberg, cujos estudos consolidaram o campo da Psicologia do Desenvolvimento Moral. Piaget (1932/1994) forneceu apenas as primícias da abordagem cognitivo-evolutiva, que só foi constituída a partir dos estudos e da teoria de Kohlberg (1992), que aprofundou os estudos de Piaget, sendo a teoria moral piagetiana considerada como um projeto inacabado (FREITAS, 2003).

É importante enfatizar que não foi objetivo de Gilligan (1982) propor em seu livro de 1982 uma teoria moral e um modelo de desenvolvimento subjacente. Seu objetivo foi *contrastar* “dois modos de pensar e focalizar um problema de interpretação mais do que representar uma generalização sobre ambos os sexos” (GILLIGAN, 1982, p. 12), ou seja, de contestar a universalidade da teoria kohlberguiana que excluía as mulheres e de enfatizar uma outra forma de se responder a problemas morais (pelo cuidado). Ainda assim, seu livro é seminal nesse sentido e fornece as bases para essa teoria e modelo, retomados e consolidados em pesquisa por suas(seus) continuadoras(es) pouco depois. Sem abandonar a perspectiva estruturalista de Kohlberg, desde seu livro Gilligan (1982) deixou anunciado níveis de desenvolvimento moral do cuidado.

Em seu modelo, que se aplicaria melhor à perspectiva feminina, Gilligan (1977; 1982) mantém a divisão do desenvolvimento moral em *três níveis*, tal como em Kohlberg, porém com *cinco estágios* respectivos, sendo dois deles transicionais. Na transição de cada nível, é resolvido um conflito entre o Eu (*self*) e os Outros, isto é, entre a responsabilidade consigo mesmo e a responsabilidade com os outros. A definição mais recente dos níveis e estágios do modelo gilliginiano foi proporcionada com a elaboração da *Ethics of Care Interview* (ECI) pela norueguesa Eva Skoe (1993).

CONTRIBUIÇÃO FEMINISTA DE GILLIGAN À PSICOLOGIA E À PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Fleming (2006, p. 16, tradução minha), ressalta que o trabalho de Gilligan vai além de “críticas a preconceitos sexistas”, uma vez que “ela desenvolveu ideias teóricas próprias, principalmente quanto a mulheres e homens diferirem em suas concepções de moralidade”. Seu trabalho e suas ideias ganharam visibilidade mundial com a publicação de *Uma voz diferente*, no ano de 1982, que, no dizer da *Harvard University Press* que o publicou, “é o pequeno livro que começou uma revolução” (GILLIGAN, 2015, p. 19, tradução minha). Essa visibilidade é o resultado do quanto suas ideias foram importantes e revolucionárias para a época, final da década de 1970 e início da década de 1980.

No entanto, a recepção desse livro e de suas ideias divide opiniões até hoje, sendo aclamados por uns e, ao mesmo tempo, criticados por outros. Hekman (1995, p. 01, tradução minha) pontua que “os críticos e defensores de Gilligan a elegeram, respectivamente, como a vilã ou salvadora do debate intelectual em andamento nos anos 1980 e 1990”. Embora sua recepção se divida, neste artigo não visitaremos todos os seus reconhecimentos e críticas. Interessa-nos, aqui, o reconhecimento de Gilligan no que se refere à produção do conhecimento científico, em Psicologia e outras áreas do conhecimento, ao desvelar a reprodução da visão androcêntrica de mundo e do sexismo pela Ciência moderna, que controversamente se dizia neutra e livre de valores.

De acordo com Brabo (2015, p. 111), o Feminismo surgiu desde o final do século XIX, mas se tornou difundido no início do século XX, considerado tanto “[...] um movimento social, com uma ideologia de libertação das mulheres, quanto uma teoria crítica do sexismo (discriminação de sexo baseada na ideologia da inferioridade da mulher), da visão androcêntrica de mundo e da dominação masculina”.

Para sua apreensão histórica, ainda que não haja consenso na literatura, Brabo (2015) e Nogueira (2017) ressaltam que o Feminismo pode ser dividido temporalmente em *Ondas* sequenciais: a *Primeira Onda*, que se situa no final do século XIX até os anos de 1960; a *Segunda Onda*, situada até meados dos anos de 1980; e a *Terceira Onda*, situada a partir da década de 1990, onda que se encontra atualmente em curso e, em alguns círculos, referenciada como *pós-feminismo*.

O livro de Gilligan é publicado no período de Segunda Onda do Feminismo, sendo recebido pela academia universitária no início da década de 1980, a princípio nos Estados Unidos, onde sua repercussão foi imediata. Nesse momento histórico, as teorizações decorrentes do Movimento Feminista ainda se institucionalizavam nas Universidades, mediante a constituição formal de um campo de conhecimento multidisciplinar autointitulado Estudos Feministas (*Feminist Studies*).

Na literatura dos Estudos Feministas, em que o trabalho de Gilligan se somou, Lemos de Souza (2017, p. 22) ressalta que a crítica feminista pôde sinalizar diversos equívocos no modo de condução das pesquisas que implicam também o questionamento de seus fundamentos, e “dentre elas, destacam-se duas críticas: a) a da condução dos resultados em função das hipóteses formuladas previamente pelos cientistas; b) as teorias científicas serviam a determinadas posições androcêntricas ou estruturas de poder”.

E as críticas que Gilligan (1982) faz em *Uma voz diferente* envolvem essas duas críticas da literatura feminista sinalizadas pelo autor (2017).

Na primeira crítica, a) Gilligan emprega o uso das narrativas, tal como Kohlberg em suas entrevistas com dilemas, mas com mulheres grávidas com dilemas sobre a decisão de fazer ou não aborto. Nesse trabalho, ela não incita as mulheres a raciocinarem pela Ética de Justiça, deixando suas respostas aparecerem livremente, compreendendo que “[...] precisamos alterar nossa estrutura interpretativa para ouvir suas histórias como histórias morais” (HEKMAN, 1995, p. 07, tradução minha). Foi a partir dessa adaptação do método original de Kohlberg, sem ir avalia-las a partir de um modelo prévio, que Gilligan (1982) fez as vozes das mulheres serem ouvidas.

Na segunda crítica, b) Gilligan constata a presença nula, ou quase nula, das mulheres nas primeiras amostras que as principais teorias psicológicas do desenvolvimento tiveram sua elaboração baseada. Assim, o resultado que

essas teorias encontram, de que as mulheres apresentam um desenvolvimento deficitário, seria um reflexo desse enviesamento pelo qual foram criadas, pois elas não representam o desenvolvimento das mulheres. Não obstante, também evidencia uma tendência sexista de, quando se percebe diferenças entre homens e mulheres, de que essa diferença é sempre resultante de um problema no desenvolvimento das mulheres, então as desviantes.

Gilligan, portanto, dentro dessa literatura feminista de crítica epistemológica à Ciência, contribui no sentido de promover “rupturas nos modelos de conhecer com base na emergência de outras categorias necessárias para pensar os conhecimentos sobre a realidade e nós mesmos” (LEMOS DE SOUZA, 2017, p. 25). Ela evidencia outras formas de se conceber e produzir conhecimento, além de denunciar o seu *status* anterior, então prejudicial às mulheres por compactuar com estruturas de poder que perpetuam desigualdades historicamente afirmadas entre homens e mulheres⁸.

Em um nicho dos Estudos Feministas voltado à Psicologia, o trabalho de Gilligan foi somado, e tornou-se referência nele, o qual denuncia a resistência da Psicologia para “um inevitável compromisso ético-político que [... historicamente] sempre se recusou a fazer” (OLIVEIRA, 2017, p. 9). Essa literatura feminista denuncia que a Psicologia, construída a partir de referenciais e metodologias positivistas e experimentalistas, historicamente recusou a assunção de qualquer compromisso político, como o feminista, e isso permitiu a geração de interpretações androcêntricas e sexistas sobre o desenvolvimento humano, como referido anteriormente.

A contribuição feminista de Gilligan, contudo, não se esgota com as implicações que teve na crítica à produção do conhecimento. Seu trabalho também reverberou no pensamento feminista de sua época, especificamente em um momento autocrítico que o Movimento Feminista revisava, do ponto de vista teórico, suas pautas quanto às questões de gênero. Essa reverberação foi tamanha a ponta de ajudar a fundar uma corrente intelectual feminista, chamada de *Feminismo da Diferença*.

Antes, o Feminismo reivindicava o *direito à igualdade*, mas a partir daquele momento autocrítico, algumas feministas passaram a reivindicar o *direito à diferença*. Essa mudança deu-se, segundo Araújo (2005, p. 47), por se perceber como problemático as mulheres quererem assimilar modelos masculinos:

⁸ É importante salientar que no contexto da publicação do livro de Gilligan, o debate sobre a cisgeneridade e transgeneridade ainda não se fazia tão presente, considerando que o campo dos Estudos Feministas ainda se consolidava, assim com o campo dos Estudos de Gênero constituído pouco depois. Contemporaneamente, cabe ampliar o debate do “grupo mulheres” para perspectivas da transgeneridade.

[as feministas] queriam ocupar os espaços dos homens, comportando-se, agindo, sentindo e falando como eles. E, assim, acabaram se defrontando com uma crise de identidade, ao perceberem que com esses comportamentos supervalorizavam as qualidades consideradas masculinas, em detrimento das femininas.

A partir dessa revisão, uma nova vertente de pensamento feminista é fundada, o Feminismo da Diferença, que “[...] defende a existência de diferenças entre homens e mulheres, mas assume que as características feministas são de valor (inclusive valor societal) superior” (NOGUEIRA, 2017, p. 34). Logo, uma de suas principais bases teóricas foi o trabalho de Gilligan, surgido oportunamente naquele contexto.

De forma simplificada, poderíamos dizer que [o Feminismo da Diferença] enfatiza as diferenças psicológicas entre homens e mulheres, tomando cada grupo como homogêneo internamente e valorizando os aspectos da personalidade das mulheres relacionados à maternidade. [...] No âmbito do ‘feminismo da diferença’, entretanto, o que prevalece é a polaridade homem-mulher, uma premissa apoiada num segundo pressuposto: a universalidade dessas categorias (homem, mulher, a oposição binária entre eles) (CARVALHO, 1999, p. 20).

Apesar desse reconhecimento de Gilligan, diversas críticas também foram tecidas à autora e às suas ideias. O Feminismo da Diferença, por exemplo, foi rechaçado pelas demais vertentes teóricas feministas, principalmente por aquelas mais contemporâneas de orientação pós-estruturalista e interseccional, por sugerir um *essencialismo identitário*: de que existe uma essência masculina e feminina, ou seja, de um modo primário, natural, universal ou imutável de ser homem e ser mulher. E essa crítica se estende ao trabalho de Gilligan, que também foi acusado de essencialista.

Apesar de, desde seu livro de 1982, Gilligan (1982) deixar anunciado que a *Ética do Cuidado* é caracterizada por tema, não por gênero, e que sua associação às mulheres não é absoluta, Zirbel (2016) elenca quatro problemas interligados provenientes desse essencialismo sugerido em suas ideias:

[1]) a ausência de pluralidade na descrição das experiências humanas, [2]) o binarismo resultante desta ausência de pluralidade, [3]) a uniformização dos processos de desenvolvimento moral e [4]) o reforço dos estereótipos que sustentam o sistema de gênero. Possivelmente por conta da estratégia do contraste e da necessidade de evidenciar o androcentrismo do modelo de moralidade kohlberguiano, Gilligan deixou de pontuar (ou falhou em perceber) a multiplicidade das experiências e formas de ser tanto de homens quanto de mulheres. Como resultado, há uma uniformização dos processos de desenvolvimento moral que permite a associação das mulheres à perspectiva do cuidado e da preservação dos relacionamentos, e a dos homens à perspectiva da justiça e da autonomia. O que dá margem às críticas endereçadas a *Ética do Cuidado* gilliginiana de que a mesma reforça os papéis tradicionais de homens e mulheres na sociedade.

Apesar disso, o trabalho de Gilligan e suas ideias continuam como uma importante referência, tanto à Psicologia do Desenvolvimento Moral como aos Estudos Feministas. Prestes a completar 40 anos desde a publicação de *Uma voz diferente*, as ideias de Gilligan continuam atuais, sendo ainda trazidas e discutidas na pesquisa científica, em âmbitos nacional e internacional.

Desdobrada dessas suas críticas, a teoria do cuidado, ou teoria da Ética do Cuidado, foi continuada por Gilligan (1998; 2011; 2015; GILLIGAN; ATTANUCCI, 1988) juntamente de outras(os) autoras(es), como a citada Skoe (1993) e outras como Joan Tronto, Nel Noddings, Virginia Held, entre outras(os), ainda que algumas dessas(es) autoras(es) tenham dado à Ética do Cuidado novas roupagens, diferentes da proposta original gilliginiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, buscamos resgatar as críticas de androcentrismo e sexismo tecidas no âmbito do trabalho de Carol Gilligan às teorias psicológicas do desenvolvimento. Esse resgate foi feito ressaltando as implicações que tais críticas, iminentemente feministas, tiveram aos modos de se conceber e produzir conhecimento na Psicologia e na Ciência em geral, além de sua reverberação no campo dos Estudos Feministas.

Em recente manifestação de Gilligan sobre a reverberação de seu trabalho nesse aspecto aqui visitado, que pode ser vista na entrevista que nos concedeu por ocasião do Dossiê “40 anos de ‘Uma voz diferente’: contribuições, desdobramentos e o legado das ideias de Carol Gilligan (1936-)”, ela nos disse:

[...] lembro-me de como, desde o início, meu trabalho foi reconhecido como um ‘perturbador’. Eu estava perturbando uma história sobre o desenvolvimento humano que não parecia verdadeira. Levei mais tempo do que imaginei para chegar às seguintes três frases que falam diretamente sobre o que têm sido as principais fontes de confusão em torno do meu trabalho, incluindo a questão de gênero.

1. A voz diferente é uma voz humana
2. A voz da qual ela difere é uma voz patriarcal
3. Em uma sociedade ou cultura patriarcal, uma voz humana é uma voz de resistência.

Em suma, embora a ‘voz diferente’ seja uma voz humana, as vozes das mulheres continuam a ser críticas para trazer à tona a tensão entre a democracia (baseada na voz igual) e o patriarcado (que privilegia as vozes dos pais). (SILVA; GILLIGAN, 2022, p. 24).

O pensamento de Gilligan continua vivo e atual. Em 2022, às vésperas do 40º aniversário de seu livro publicado em 1982, concordamos com o que

Hekman (1995, p. 01, tradução minha) ressaltou no final da década de 1990: “as ramificações morais, epistemológicas e metodológicas de seu trabalho ainda estão sendo exploradas”. Concordamos e ampliamos essa afirmação: neste início da segunda década do século XXI, as ideias lançadas no livro *Uma voz diferente* não se esgotaram, continua sendo uma obra seminal nos vários sentidos em que as ideias nele contidas foram desenvolvidas e exploradas, por isso frequentemente retomado e redescoberto em diferentes áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. de F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psic. Clin.**, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.
- BRABO, T. S. A. M. Movimentos sociais e educação: feminismo e equidade de gênero. In: DAL RI, N. M.; BRABO, T. S. A. M. (Orgs.). **Políticas educacionais, gestão democrática e movimentos sociais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 109-128.
- CARVALHO, M. P. de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.
- FREITAS, L. B. de L. **A moral na obra de Jean Piaget: Um projeto inacabado**. São Paulo: Cortez, 2003.
- FRIEDMAN, H. J. Carol Gilligan: an Introduction. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 68, n. 4, p. 670-674, 2020.
- GILLIGAN, C. In a different voice: women's conceptions of self and of morality. **Harvard Educational Review**, v. 47, n. 4, p. 481-517, 1977.
- GILLIGAN, C. **Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.
- GILLIGAN, C. Remembering Larry. **Journal of Moral Education**, v. 27, n. 2, p. 125-140, 1998.
- GILLIGAN, C. Looking back to look forward: revisiting in a different voice. **Classics@**, v. 9, online, 2011.
- GILLIGAN, C. Revisiting “In a Different Voice”. **The Harbinger**, v. 39, n. 1, p. 19-28, 2015.
- GILLIGAN, C; ATTANUCCI, J. Two moral orientations: gender differences and similarities. **Merrill-Palmer Quarterly**, v. 34, n. 3, p. 223-237, 1988.
- GILLIGAN, C; KOHLBERG, L. From adolescence to adulthood: the recovery of reality in a postconventional world. In: PRESSEISEN, B. Z.; GOLDSTEIN, D.; APPEL, M. H. (Orgs.). **Language and operational thought: topics in cognitive development**. Boston: Plenum Press, 1978. p. 125-136.
- GILLIGAN, C.; KOHLBERG, L; LERNER, J; BELENKY, M. Moral reasoning about sexual dilemmas: the development of an interview and scoring system. In: UNITED STATES' COMMISSION ON OBSCENITY AND PORNOGRAPHY. **Technical report of the commission on obscenity and pornography**. Washington: U.S. Government Printing Office, 1971. v. 1.

GILLIGAN, C.; BELENKY, M. A naturalistic study of abortion decisions. In: SELMAN, R.; YANDO, R. (Orgs.). **New directions for child development: clinical developmental psychology**. San Francisco: Jossey-Bass, 1980. p. 69-90.

GOLDBERG, M. F.; GILLIGAN, C. An Interview with Carol Gilligan: restoring lost voices. **The Phi Delta Kappan**, v. 81, n. 9, p. 701-702, maio, 2000.

HEKMAN, S. **Moral voices, moral selves: Carol Gilligan and feminist moral theory**. Pensilvânia, Penn State University Press, 1995.

JORGENSEN, G. Kohlberg and Gilligan: duet or duel?. **Journal of Moral Education**, v. 35, n. 2, 179-196, 2006.

KOHLBERG, L. **The development of modes of moral thinking and choice in the years 10 to 16**. Tese de doutorado não-publicada, Universidade de Chicago, Chicago, 1958.

KOHLBERG, Lawrence. A reply to Owen Flanagan and some comments on the Puka-Goodpaster exchange. **Ethics**, v. 92, n. 3, p. 513-528, 1982.

KOHLBERG, L. **Psicologia del desarrollo moral**. Bilbao: Editorial Desclée de Brower, 1992.

KOHLBERG, L.; GILLIGAN, C. The adolescent as a philosopher: the discovery of the self in a postconventional world. **Daedalus**, v. 100, n. 4, p. 1051-1086, 1971.

LA TAILLE, Y. de. Desenvolvimento humano: contribuições da psicologia moral. **Psicologia USP**, v. 18, n. 1, 11-36, 2007.

LEEAT, G.; GILLIGAN, C. **Interview with Carol Gilligan** [Video Recording]. Psychology's Feminist Voices Oral History and Online Archive Project. New York, NY, 2009.

LEMONS DE SOUZA, L. **Epistemes feministas e a psicologia do desenvolvimento: percursos na pesquisa sobre gêneros, sexualidades e juventudes**. 2017. 144 f. Tese (Livre-Docência em Psicologia do Desenvolvimento) – Faculdade de Ciências e Letras (FCL), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2017.

MURPHY, John Michael; GILLIGAN, Carol. Moral development in late adolescence and adulthood. a critique and reconstruction of Kohlberg's theory. **Human Development**, v. 23, p. 77-104, 1980.

NOGUEIRA, C. **Interseccionalidade e psicologia feminista**. Salvador: Devires, 2017.

OLIVEIRA, J. M. de. Prefácio. In: NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e psicologia feminista**. Salvador: Devires, 2017.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994. (Publicado originalmente em 1932).

RIBEIRO, A. de S.; PÁTARO, R. F. Reflexões sobre o sexismo a partir do cotidiano escolar. **Revista Educação e Linguagens**, v. 4, n. 6, p. 156-175, 2015.

SHARPE, V. A. Justice and care: the implications of the Kohlberg-Gilligan debate for medical ethics. **Theoretical medicine**, v. 13, p. 295-318, 1992.

SILVA, M. E. F. da. Carol Gilligan e a ética do cuidado na produção de pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento Moral de três Programas de Pós-Graduação stricto sensu (2008-2019). **Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 12, n. 1, p. 166-204, 2020.

SILVA, M. E. F. da. Afinal, o que foi o debate Kohlberg-Gilligan?. **Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 13, n. 1, p. 4-40, 2021.

SILVA, M. E. F. da.; GILLIGAN, C. 40 anos de “Uma voz diferente”: entrevista com Carol Gilligan. **Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 14, n. esp., p. 1-23, 2022. No prelo.

SKOE, E. E. A. **The Ethic of Care Interview manual**. Não-publicado. Universidade de Oslo, Noruega, 1993. 25p.

ZIRBEL, I. **Uma teoria político-feminista do cuidado**. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2016.

